



Levantamento da virose do endurecimento do fruto do maracujazeiro no Sul Catarinense

Setembro/2017

Autores: Luiz A. M. Peruch, Henrique B. Petry, Darlan R. Marchesi, Mauro F. Bonfim Junior, Daniel R. Moritz

Participantes: Thiago Matujacki Koscrevic, Alexandro Roesler, Diego Adílio da Silva, Elaine Rosoni, Frederico Rodrigues Lothhammer, Luiz Felipe Uberti, Homero Rock Bosch Junior, Jair Pereira, Luiz Carlos Reos, João Armando Neves dos Santos, Sandoval Miguel Ferreira, Delcio Macarini

Introdução

A virose do endurecimento dos frutos do maracujazeiro é uma doença importante para a cultura devido as perdas que provoca na produção desta frutífera. Várias regiões do país já sofreram com abandono de áreas produtivas após a introdução dessa doença. Em Santa Catarina a doença foi inicialmente registrada no Litoral Norte Catarinense em 2008. Na primavera de 2016 foram encontrados focos da doença no Sul-catarinense, o que pode impactar fortemente a cultura na região. Por este motivo, empresas públicas e privadas do setor agrícola estão atuando em conjunto para enfrentar o problema. Este documento relata o levantamento da doença na região, sendo fruto do trabalho em conjunto dos técnicos e pesquisadores dessas empresas.

Como foi feito o levantamento

O levantamento foi realizado de setembro a outubro de 2016 (início da safra) e de março a junho de 2017 (final de safra) em diferentes municípios do Sul Catarinense. Foram amostradas 54 áreas de produção, no início da safra, de sete municípios com pomares novos (primeiro ano) e velhos (segundo e terceiro anos) e 37 áreas no

final da safra. Os pomares foram escolhidos aleatoriamente na região produtora. Em cada pomar foram observadas 30 plantas, anotando-se a incidência da doença em três pontos pelo caminhamento em “W”, avaliando-se a incidência da doença. Também foram coletadas algumas informações sobre o sistema de cultivo, como idade do pomar, cultivar e origem das mudas.

Resultados do levantamento

De uma forma geral a maioria dos pomares tem até dois anos de idade. Um pequeno número de pomares tem três anos de cultivo. No passado era comum a condução por até três anos, mas a prática diminuiu devido a incidência de doenças e queda da produção. Ainda chama a atenção a grande porcentagem de pomares com dois anos, provavelmente devido a precocidade da produção e quantidade de fruta produzida no segundo ano de cultivo da frutífera. Todavia, a incidência da virose deve forçar os produtores a fazer renovações anuais dos pomares até que o avanço da doença seja controlado.

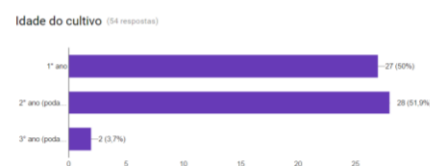


Fig. 1- Idade dos pomares amostrados na região Sul Catarinense na safra 2016-17.



Fig. 2- Cultivares de maracujazeiro dos pomares região Sul Catarinense na safra 2016-17.

O número de variedades comerciais de maracujazeiro disponíveis no mercado é pequeno. Por este motivo, percebe-se que um número considerável de produtores ainda produz a sua própria semente. O cultivar Catarina é plantado por cerca de 29% dos produtores, mas provavelmente este número é maior. É possível que grande parte das respostas “não sabe”

devem ser de pomares da referida cultivar. Chama atenção a não adoção das cultivares da Embrapa, IAC e outras, provavelmente devido aos problemas de adaptação que parte apresentou na região.

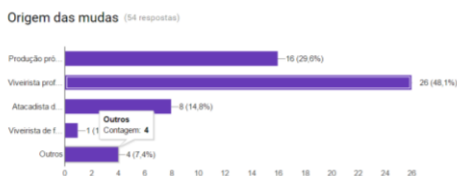


Fig. 3- Origem das mudas dos pomares na região Sul Catarinense na safra 2016-17.

Pelos dados levantados percebe-se que grande parte das mudas é produzida na região. Apenas 1% dos pomares foi formada com mudas de regiões com problema de virose, o que pode ser uma fonte de infestação do problema no Sul-catarinense. Vale ressaltar que este valor pode estar subestimado devido a compra de mudas de outras regiões por alguns atacadistas.



Fig. 4- Sintomas da doença podem ser observadas nas folhas com mosaicos e deformações dos tecidos da planta.

Foto: Luiz Augusto Martins Peruch

Os dados do levantamento indicam que a virose se propagou na região, atingindo mais municípios em comparação com o levantamento anterior. A doença foi verificada nos municípios de Sombrio, Santa Rosa do Sul, São João do Sul e Praia Grande. Existe também uma suspeita em Jacinto Machado. Em visitas nos municípios verificou-se que algumas comunidades concentram mais o problema, enquanto outras parecem pouco afetadas pela virose. Muito embora não apareçam dados sobre outras cidades, sabe-se que a virose também já está presente em Criciúma.

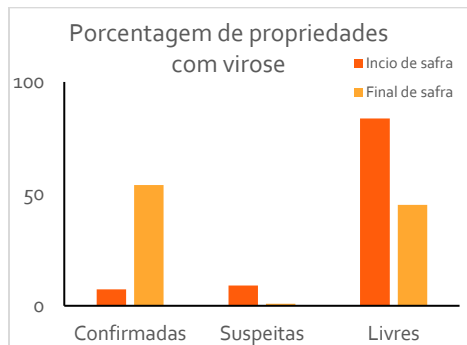


Fig. 5- Porcentagem de plantas infectadas pela virose em pomares comerciais de maracujazeiro na região Sul Catarinense na safra 2016/2017.

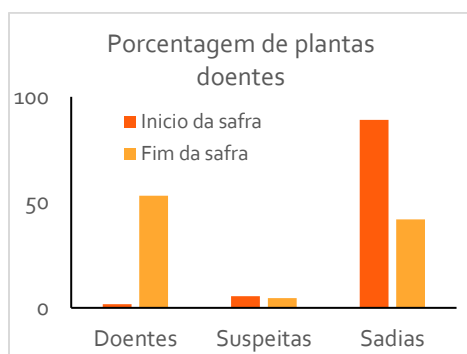


Fig. 6- Porcentagem de propriedades com casos da virose em pomares comerciais de maracujazeiro na região Sul Catarinense na safra 2016/2017.

Os dados das duas fases do levantamento demonstram um forte avanço da doença no número de plantas doentes e propriedades com casos da doença (Figuras 5 e 6). O número de plantas doentes saltou de menos de 10% para cerca de 43% do início para o final da safra (Figura 5). Este comportamento é típico da doença, pois algumas poucas plantas no início da safra resultam na infecção quase total do pomar até o final do ciclo da cultura. Também é esperado que em locais onde existem vários pomares próximos ocorra a propagação da doença em curtos períodos de tempo. O número de pomares com a doença também teve um grande aumento, sendo que no final da safra alcançou aproximadamente 54% (Figura 6).

Medidas atuais e ações futuras

A destruição de pomares infectados, 'roguing' de plantas doentes, renovação do pomar no final do ciclo, cobertura do

solo, plantio de mudas de qualidade, plantio de muda altas e produzidas em viveiros telados são as medidas a serem adotadas no enfrentamento do problema.

Os dados da doença na região parecem indicar ainda ser possível adotar métodos para reduzir os focos e conviver com o problema. Certamente as medidas de mitigação da doença deverão se estender por várias safras. Medidas relacionadas a conscientização dos produtores serão fundamentais para incentivá-los a adotar as práticas recomendadas (dias de campo, visitas, palestras, material de propaganda).



Fig. 7- Renovação dos pomares, vazio sanitário e cobertura do solo são algumas das medidas necessárias para conter o avanço da virose. Foto: Sandoval M. Ferreira

Vale ressaltar que vários produtores entenderam a gravidade do problema e passaram a adotar as medidas recomendadas. Entretanto, uma parcela dos produtores ainda não acredita no potencial de dano da doença, não tomando as atitudes necessárias. Desta maneira, é importante continuar o incentivando o engajamento de toda a cadeia produtiva a fim de minimizar as perdas provocadas pela virose do endurecimento do fruto.

Os autores agradecem a todos os colegas das diferentes instituições que participaram do levantamento. Mais informações com os autores pelos e-mails: Luiz Augusto Martins Peruch (lamperuch@epagri.sc.gov.br), Henrique Belmonte Petry (henriquepetry@epagri.sc.gov.br), Darlan R. Marchesi (darlan@epagri.sc.gov.br), Mauro F. Bonfim Junior (maurojunior@epagri.sc.gov.br), Daniel R. Moritz (daniel@cidasc.sc.gov.br)